

PARA O ESTUDO DA SAÚDE CONVENTUAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: AS BOTICAS*

Ricardo Pessa de Oliveira**

Fundação Calouste Gulbenkian

RESUMO

Em Novembro de 1789 foi criada a Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares. Entre outros aspectos cada casa religiosa devia dar a conhecer à Instituição o seu património móvel e imóvel. De entre os bens inventariados contavam-se os pertencentes às enfermarias e boticas. No presente artigo pretendemos estudar estes espaços recorrendo a registos de uma série de casas religiosas escolhidas sem preferência regional ou Ordem religiosa. Tentaremos responder a questões tais como: quais os objetos que formavam estes espaços, se estariam bem apetrechados e ainda se existiriam grandes diferenças consoante Ordem religiosa e localização da Casa.

PALAVRAS CHAVE: Século XIX. Boticas. Casas Religiosas. Cultura Material. Farmacopéias.

TO THE STUDY OF CONVENTUAL HEALTH IN THE BEGINNING OF 19TH CENTURY: THE PHARMACIES

ABSTRACT

The institution *Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares* (Examination Council for the Actual State and Temporal Improvement of the Religious Orders) was created in November of 1789. Among other things, each Religious House should inform that institution about its heritage either the movables and the landed estates. The inventorying included all the goods belonging to wards and drugstores. In this paper we aim to study those places using records obtained from a variety of Religious Houses with no regional or Religious Order preferences. We will try to give answers to questions related to that spaces such as: “Which objects could be found inside the Houses?”; “Were they properly equipped?” and “Were there big differences between them in what concerns Religious Orders and Houses locations?”

KEY WORDS: 19th century. Pharmacy. Religious Houses. Material Culture. Pharmacopoeias.

* Texto apresentado ao XXVIII Encontro da Associação de História Económica e Social (APHES), o qual teve lugar em Guimarães, Portugal, nos dias 21 e 22 de Novembro de 2008.

** Doutorando em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, contacto: ricardo_pessa@sapo.pt.

1. INTRODUÇÃO

A 21 de Novembro de 1789, foi criada a Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares¹. A instituição manteve-se em funcionamento até 1829, quando D. Miguel ordenou a sua extinção. Em Agosto de 1833, viria a ser restaurada por D. Pedro IV, sendo definitivamente abolida a 10 de Outubro de 1834, sem conseguir atingir os propósitos para os quais havia sido constituída². No momento da sua criação foi nomeado presidente o bispo do Algarve, D. José Maria de Melo, que seria coadjuvado por seis deputados. O visconde de Vila Nova da Cerveira, D. Tomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcelos Teles da Silva, ficou encarregue do expediente do despacho da instituição. Cada casa religiosa devia dar a conhecer à Junta o número de religiosos que possuía, qual o seu património móvel e imóvel, qual o valor das rendas bem como a sua natureza e quais as dívidas activas e passivas. Pretendia-se, pois, conhecer o estado dos conventos e mosteiros para uma posterior actuação, sobretudo no sentido de racionalizar aqueles espaços, suprimindo e unindo determinadas casas, quando tal se justificasse, tentando resolver os problemas financeiros das mesmas. De entre os bens inventariados contavam-se os pertencentes às sacristias, coros, celas, cozinhas³, refeitórios, ucharias, adegas, enfermarias e boticas. No artigo que ora se publica pretendemos estudar as boticas conventuais recorrendo a registos de uma série de casas religiosas escolhidas sem preferência regional ou de ordem religiosa. Tentaremos responder a questões tais como: quais os objetos que formavam estes espaços, estariam as boticas bem apetrechadas e ainda se existiriam grandes diferenças consoante as ordens religiosas e a localização da Casa.

A farmácia portuguesa de Seiscentos e Setecentos foi fortemente marcada pelas boticas conventuais. O número de casas religiosas que possuía tais espaços era elevado. Estas foram sendo instituídas desde cedo, muitas vezes destinadas a servir os hospitais dos conventos. Foi o caso da botica do mostei-

¹ Cf. o decreto de D. Maria I que instituiu a Junta em SILVA, A.D. (1974), *Collecção de Legislação Portuguesa, desde a última compilação das Ordenações, 1775 a 1790*, Lisboa, Tipografia Maigrency, pp. 572-574; CORREIA, J.E.H. (1974), *Liberalismo e Catolicismo. O Problema Congreganista (1820-1823)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, , pp. 261-263.

² ABREU, L. (2004), Um Parecer da Junta de Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares nas Vésperas do Decreto de 30 de Maio de 1834. En *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, vol. 1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 117-130; BRAGA, I.M.D. (2007), Para o estudo da bateria de cozinha conventual no início do século XIX, *Lusitana, História*, n.º 4, p. 206.

³ BRAGA (2007), pp. 201-225.

ro de São Vicente de Fora que terá sido criada em simultâneo com o hospital no ano de 1182⁴. Entre as boticas de maior importância e prestígio contavam-se as dos cônegos regulares de Santo Agostinho, nomeadamente a do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a já referida de São Vicente de Fora⁵ e a do convento de Mafra⁶. Mas muitas outras ordens possuíram importantes boticas, tais como dominicanos⁷, jesuítas⁸, carmelitas, beneditinos⁹ e oratorianos. Refira-se ainda que algumas casas religiosas femininas, como as carmelitas do convento do Carmo de Tentúgal, usufruíram igualmente de botica¹⁰. Não obstante o quase monopólio das boticas conventuais, muitas comunidades religiosas, sobretudo femininas, continuavam a recorrer a boticas leigas¹¹. As

⁴ BASSO, P. e NETO, J. (1994), O Real Mosteiro de São Vicente de Fora. In *A Botica de São Vicente de Fora*, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, p. 13.

⁵ BASSO e NETO (1994), pp. 13-17; DIAS, J.P.S. e PITA, R. (1994), A Botica de São Vicente e a Farmácia nos mosteiros e conventos da Lisboa Setecentista. In *A Botica de São Vicente de Fora*, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, pp. 19-25.

⁶ CARVALHO, A. (1948), A antiga botica do convento de Mafra e o material actualmente existente. In *Actas do I Congresso Luso-Espanhol de Farmácia*, Lisboa, Coimbra Editora, pp. 1-26 (citado pela separata). Sobre boticas dos frades crúzios cf. ainda SILVA, A.C.C. (1972), Inventário de uma botica conventual do século XVIII, *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*, XXXII, pp. 9-37 (citado pela separata); MARQUES, J. (2008), A botica do mosteiro de Santa Maria de Landim — 1770. In *Actas do III Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões, (Mosteiro e Saúde. Cerca, botica e enfermaria)*, São Cristóvão de Lafões, Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, pp. 25-58. Ambos os textos utilizaram como fonte os inventários levados a cabo aquando da extinção de nove mosteiros dos cônegos regrantes em benefício do convento de Mafra, supressão de que foi juiz D. João Cosme da Cunha. Sobre esta figura cf. OLIVEIRA, R.P. (2007), *Uma Vida no Santo Ofício: o Inquisidor Geral D. João Cosme da Cunha*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exemplar mimeografado.

⁷ DIAS, J.P.S. (1986), A botica do Convento de São Domingos de Lisboa num poema de Serrão de Castro (finais do século XVII), *Farmácia Portuguesa*, 37, pp. 46-47.

⁸ Sobre a botica inaciana do Colégio de Santo Antão cf. DIAS e PITA (1994), pp. 21-22.

⁹ Sobre a botica do Mosteiro de Tibães cf. MATA, A.M.R. (1992), A Botica de Tibães. In *A Botica, séculos XVII-XVIII, Catálogo da Exposição*, Braga, Instituto Português de Museus, Museu dos Biscainhos, Museu do Mosteiro de São Martinho de Tibães, pp. não numeradas. A propósito das boticas dos mosteiros beneditinos existe um estudo inédito, ao qual não tivemos acesso, da autoria de AFONSO, M.P.M.B. (1991), *As boticas da Congregação de São Bento de Portugal*, Porto, Universidade Portucalense.

¹⁰ DIAS e PITA (1994), pp. 19-20.

¹¹ Cf. DIAS, J.P.S. (2007), *Droguistas, Boticários e Segredistas. Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, p. 151.

clarissas do convento de Nossa Senhora dos Poderes, de Via Longa, deviam em 1823, ao boticário Alexandre de Freitas 107.105 réis, ao boticário de Alverca 1.700 réis e ao boticário de Via Longa 81.800 réis¹². Também os religiosos do convento do Santíssimo Sacramento da Ordem de São Paulo, de Lisboa, deviam ao boticário João Evangelista Guerreiro de medicamentos «athe ao fim do primeiro trimestre deste anno [1823], settenta mil réis em papel, e vinte mil seiscentos e vinte réis na forma»¹³. A despesa deste convento em botica foi estimada em 100.000 réis por ano sendo que «excede quazi todos os annos»¹⁴.

2. BOTICAS E BOTICÁRIOS

A documentação consultada, produzida no ano de 1823, deu conta de nove boticas conventuais de diversas Ordens religiosas, todas elas masculinas. Como se pode observar no quadro 1, temos quatro boticas pertencentes à Ordem do Carmo, duas à Ordem de São Domingos, igual número à Ordem de São Bento e uma à Terceira Ordem da Penitência de São Francisco. No que diz respeito à localização dos conventos e mosteiros temos cinco na região de Lisboa, três no Norte do país e um no Sul de Portugal.

QUADRO 1. CASAS RELIGIOSAS

Convento	Localização	Ordem
Convento de São João da Pesqueira	São João da Pesqueira	Terceira Ordem da Penitência de São Francisco
Convento Carmelitas Descalços de Tavira	Tavira	Ordem do Carmo (Carmelitas Descalços)
Convento Corpus Christi	Lisboa, Rua dos Fanqueiros	Ordem do Carmo (Carmelitas Descalços)
Convento Nossa Senhora dos Remédios	Lisboa, Rua das Janeiras Verdes	Ordem do Carmo (Carmelitas Descalços)
Mosteiro Santo André Rendufe	Rendufe (Amares)	São Bento (Benedictinos)

¹² Lisboa, Arquivo Nacional Torre do Tombo (A.N.T.T.), Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça (MNEJ), caixa 225, maço 280.

¹³ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 188, maço 234.

¹⁴ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 188, maço 234.

Convento	Localização	Ordem
Mosteiro de Paço de Sousa	Paço de Sousa (Pena-fiel)	São Bento (Benedictinos)
Convento de São Domingos	Lisboa, Rossio	São Domingos (Dominicanos)
Convento de São Sebastião	Setúbal	São Domingos (Dominicanos)
Convento de Nossa Senhora da Piedade	Cascais	Ordem do Carmo (Carmelitas Descalços)

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229; caixa 187, maço 233, n.º 1-3; caixa 225, maço 280; caixa 229, maço 283; caixa 231, maço 285.

A 25 de Janeiro de 1823, José da Silva Carvalho a quem fora confiada a pasta dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça no ano de 1821, assinou umas *Instruções para os inventários das casas religiosas*. O artigo n.º 3 do documento mencionava que o juiz havia de descrever em primeiro lugar o convento com todos os seus lugares regulares, como o número de celas, acomodações, oficinas e mais casas, dando conta do estado em que as mesmas se encontravam. Nestas descrições encontramos algumas referências às boticas, ainda que na maior parte dos casos não refiram nada de extraordinário. Sobre o convento de São João da Pesqueira o inventariante apenas referiu existir uma botica com seu armazém¹⁵. O convento de Nossa Senhora da Piedade da vila de Cascais tinha no «baixo [do mesmo] as commudidades seguintes: hum refeitório, huma cozinha, huma caza que cerve de adega e celeiro, pegada com esta caza está outra que serve de amacaria e pegadas a estas está huma caza que cerve de botica»¹⁶. São Domingos possuía uma casa de botica e outras duas casas onde se guardavam os utensílios¹⁷. Já o juiz que procedeu ao inventário do convento de Corpus Christi em Lisboa refere algo de maior importância uma vez que deu conta de uma casa de botica e uma casa de destilação da mesma¹⁸. O convento de São Sebastião possuía uma botica com laboratório¹⁹. Não obstante, tal não significa que esta botica não adquirisse remédios já preparados. Em meados de Setecentos a botica do Colégio de

¹⁵ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

¹⁶ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 231, maço 285.

¹⁷ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

¹⁸ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

¹⁹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

Santo Antão apesar de ter sala própria para a preparação de medicamentos adquiria grandes porções de substâncias químicas já preparadas. Tal facto prova que mesmo dispondo da logística exigida para a manipulação química nem sempre se faria uso da mesma, de forma constante²⁰.

No que respeita aos padres boticários conhecemos alguns dos seus nomes e qualidades científicas. O encarregado da botica do convento de Nossa Senhora dos Remédios era frei José de São Domingos²¹. O padre boticário do mosteiro beneditino de Paço de Sousa era frei Manuel de Santa Catarina²². Frei José dos Remédios era o boticário do convento do Carmo de Tavira²³. Frei António de Jesus Maria era boticário no Convento de Corpus Christi²⁴. É difícil avaliar os conhecimentos e o nível científico dos padres boticários. Ainda assim conseguimos recolher alguns dados que revelam alguns pormenores a esse respeito. Do boticário do convento de Nossa Senhora da Piedade escreveu-se ser de muito boa instrução na química e na botânica²⁵. Numa referência aos religiosos hábeis do convento do Carmo de Tavira foi mencionado o padre boticário frei José dos Remédios, como sendo igualmente muito hábil nestas duas disciplinas²⁶. Os conhecimentos científicos destes padres foram tão mais importantes se tivermos em conta o importante contributo que deram na produção literária farmacêutica, de que se destaca, pelo seu pioneirismo, a *Pharmacopea Lusitana* da autoria de D. Caetano de Santo António.

Mas os funcionários destas boticas não eram unicamente religiosos. Por exemplo, numa relação de 1790, sobre os criados do convento dos religiosos Carmelitas Descalços de Nossa Senhora do Monte do Carmo, situado em Aveiro, entre lavradores, forneiro, almocreve e horticultor contavam-se dois praticantes da botica, a saber um José Caetano e um tal António, os quais auferiam 14.400 réis anuais²⁷. Em 1823, a comunidade de São Domingos de Lisboa despendia 259.200 réis com as quatro pessoas que trabalhavam na sua botica²⁸. O número de elementos que trabalhavam nas boticas conventuais comprova por si só a real importância destes espaços.

²⁰ DIAS (2007), pp. 124 e 126.

²¹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

²² Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 187, maço 233, n.º 1-3.

²³ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

²⁴ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

²⁵ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 231, maço 285.

²⁶ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

²⁷ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 231, maço 285.

²⁸ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

3. O PATRIMÓNIO DAS BOTICAS

Francisco Tavares na *Pharmacopea Geral* de 1794 enunciou o equipamento que cada botica deveria possuir. Este deveria constar de alambiques, almofarizes, balanças, coadores, espátulas, colheres, escumadeiras, funis, fornos, garrafas, prensas, panelas, peneiros, pedras de preparo, retortas, tachos e vasos²⁹.

Em todas as boticas estudadas existiam grandes quantidades de vasos de diversos tamanhos, feitios e cores. Temos vasos de pó de pedra, de vidro, de louça e de barro. De entre os vasos de vidro contavam-se as chamadas redomas, de gargalo comprido e estreito, e de bojo largo, e as cacetas. Quanto às cores predominavam os azuis e brancos. Os vidros de botica existiam igualmente em enormes porções. O convento de Nossa Senhora dos Remédios era detentor de 530 vidros entre sortidos (220), grandes (180) e pequenos (130) que valiam um total de 33.300 réis. O convento de Corpus Christi tinha 238 vidros sorteados, de diversos tamanhos avaliados em 19.040 réis. Já o convento de São João da Pesqueira possuía 173 vidros pequenos com rolha do mesmo material avaliados em 27.680 réis. Cada botica possuía igualmente almofarizes e alambiques. Os primeiros foram inventariados como sendo de diversos materiais e formas, existindo os de vidro, de bronze, de cobre, de chumbo, de ferro, de mármore e ainda os de chumbo com mão de marfim, de marfim com mão de madeira e os de pedra não especificada. O convento de São João da Pesqueira foi aquele em que foi registado um maior número destes instrumentos, a saber dez. Quanto aos alambiques, estes eram na maioria das vezes de cobre mas também de lata ou de folha. Em cinco boticas foram catalogados graís de pedra, vidro e marfim. Destaque para a botica do convento de São Domingos de Lisboa que possuía oito graís, a saber cinco de pedra, dois de marfim e um de vidro, que em conjunto importavam 580 réis. Em alguns destes espaços foram registadas prensas e mesas de laboratório. O convento de São João da Pesqueira possuía uma prensa de madeira avaliada em 4.800 réis, bem como uma mesa de laboratório no valor de 1.600 réis. Os religiosos de Tavira dispunham de uma prensa de parafuso de ferro no valor de 6.400 réis, já o convento de Nossa Senhora da Piedade era proprietário de uma prensa que, devido ao seu mau estado, foi avaliada em 800 réis. Para obtenção das mezinhas e manipulação das drogas existiam ainda peneiras, tamises e sedaços, raladores, escumadeiras, espátulas, fogareiros e candeeiros. Em boa parte dos conventos encontramos também açucareiros, alguidares,

²⁹ PITA, J.R (1996), *Farmácia, Medicina e Saúde Pública em Portugal (1772-1836)*, Coimbra, Minerva Editora, p. 216.

bacias, bilhas, canecos, cântaros, colheres, copos, facas, frascos, funis, garrafas, latas, panelas, pires, potes, púcaros, tachos e tesouras.

Entre os objetos pouco comuns contaram-se três pedras de preparo e duas retortas pertencentes à botica do convento Corpus Christi em Lisboa³⁰; quatro pratos, igual número de comadres, três seringas, uma pedra para emplastos, um termómetro, um crivo, um machado, um martelo e um esquentador tudo pertencente à farmácia conventual de São Domingos de Lisboa³¹.

Indispensáveis em qualquer botica eram as balanças, os pesos e as medidas³². Estabelecidos pelas Ordenações do Reino, o conjunto de pesos e medidas pertencentes aos boticários leigos deviam ser aferidos duas vezes ao ano. Não obstante, as boticas conventuais estavam livres desta obrigatoriedade. Nos conventos estudados existiam balanças de diversos tamanhos e feitios. Neste particular destaque para o convento de Nossa Senhora da Piedade que possuía quatro balanças avaliadas em 9.600 réis. No que respeita aos pesos utilizados temos os de arrátel (0,459 quilos) e os de meio arrátel (0,230 quilos), sendo que o arrátel árabe pesava 12 ½ onças. Existiam ainda medidas de libra (0,489 ou 0,326 quilos), meia libra (0,244 ou 0,163 quilos), onça (0,029 quilos) e meia onça (0,014 quilos).

A armação da botica, nos casos em que foi inventariada, representou sempre uma elevada percentagem do valor total da farmácia. Entre as armações destaque para a pertencente ao convento do Corpus Christi em Lisboa, avaliada em 60.000 réis, que correspondia a 45.5% do valor total. Esta era «constante de duas cazas, a saber parteleiras em roda da casa e gavetas por baixo e um frontispício com duas portas de entrada, huma urna no meio, e na casa anterior he composta de parteleiras e gavetas e hum balcao tudo para as acomodações de utensilios da mesma botica, tudo em madeira de pinho com alguns doirados, huma banca e huma cadeira com assento de coiro»³³. De menor percentagem na avaliação geral era a armação da botica do convento do Carmo de Tavira que, não obstante o bom estado de conservação, foi somente avaliada em 19.200 réis. Do mesmo valor era a armação da botica do conven-

³⁰ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

³¹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

³² Sobre pesos e medidas cf. MARQUES, A.H.O. (1981), *Pesos e Medidas*. In SERRÃO, J. (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, Porto, Livraria Figueirinhas, pp. 67-72; BRAGA, I.M.D. (1988), *A Circulação e a Distribuição dos Produtos*. In SERRÃO, J. e MARQUES, A.H.O. (dir.), *Nova História de Portugal*, Vol. V, *Do Renascimento à Crise Dinástica*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 207-208. Sobre este assunto nas boticas cf. DIAS (2007), pp. 209-213.

³³ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

to de Nossa Senhora dos Remédios. O restante mobiliário desta casa compreendia três bancos, um armário, uma urna e uma banca avaliado tudo em 2.920 réis. O mobiliário da botica do mosteiro de Santo André de Rendufe consistia em estantes, mostrador e gavetas num valor de 24.000 réis, um contador velho avaliado em 600 réis e uma mesa muito velha estimada em 240 réis. A mobília de botica de São Domingos de Lisboa era composta por seis tamboretas, duas mesas de pau e um banco de encosto. A madeira de que se compunham as estantes da botica do convento de Nossa Senhora da Piedade foi avaliada em 100.000 réis. Se o mobiliário, ou casco, da botica era importante para exteriorizar o estatuto do boticário³⁴, existiam outros objetos que serviam o mesmo propósito. A botica do convento de São João da Pesqueira possuía uma pintura avaliada em 96.000 réis e um relógio de parede, com caixa pintada e dourada, no valor de 40.000 réis.

Em dois inventários surgiram têxteis pertencentes à botica. No mosteiro de Santo André de Rendufe foram registados cinco coadores de lã e um de linho para coar os remédios. No convento de São Domingos existiam 13 toalhas de linho para barba e seis panos destinados ao mesmo fim.

No que diz respeito às drogas existentes nas boticas e nos armazéns das mesmas os registos são particularmente pobres. Nos inventários dos conventos de São Francisco de São João da Pesqueira, Carmelitas Descalços de Távira, Carmelitas Descalços de Nossa Senhora da Piedade, São Domingos de Lisboa, São Sebastião e no do mosteiro de Paço de Sousa apenas foi indicado o valor total das drogas - 300.000, 160.000, 100.000, 72.000, 60.000 e 35.000 réis respectivamente, sem individualizar as designações e qualidades das mesmas³⁵. Noutros casos as drogas, atendendo ao baixo valor, não foram sequer alvo de avaliação. Foi o caso do convento do Corpus Christi cujos boticários declararam existirem algumas drogas e medicamentos «que visto o continuo giro dos mesmos não merecem avaliação porque tem pouco ou quazi nenhum valor»³⁶. As drogas eram adquiridas aos droguistas ou a outras boticas. Os religiosos do convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Aveiro deviam de drogas um total de 280.650 réis, a saber 237.270 réis ao droguista Luís António Gomes Correia, residente na cidade do Porto, 28.800 réis à botica da cidade de Coimbra e 14.580 réis à botica da cidade do Porto³⁷.

³⁴ DIAS (2007), p. 165.

³⁵ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229; caixa 187, maço 233, n.º 1-3; caixa 225, maço 280; caixa 231, maço 285.

³⁶ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

³⁷ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 231, maço 285.

Em 1823, a dívida da botica de São Domingos de Lisboa era de 777.600 réis. Os seus fornecedores haviam sido João Nepomeceno (508.500), o italiano que tivera loja às Convertidas³⁸ João André Penco (120.880), Nicolau Unheco (76.220) e Vicente Joaquim (72.000)³⁹. Por seu turno a botica do convento do Carmo de Tavira devia 180.000 réis ao droguista⁴⁰ e a do convento de São Sebastião de Setúbal devia a um profissional do mesmo sector 47.000 réis⁴¹.

QUADRO 2. VALOR DAS BOTICAS CONVENTUAIS

Convento	Valor (réis)
Convento de São João da Pesqueira	645.950
Convento Carmelitas Descalços de Tavira	284.840
Convento Corpus Christi	131.920
Convento Nossa Senhora dos Remédios	128.600
Mosteiro Santo André Rendufe	84.380
Mosteiro de Paço de Sousa	81.000
Convento de São Domingos	210.090
Convento de São Sebastião	139.310
Convento de Nossa Senhora da Piedade	344.420

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229; caixa 187, maço 233, n.º 1-3; caixa 225, maço 280; caixa 229, maço 283; caixa 231, maço 285.

A botica cujo património foi avaliado numa quantia mais elevada foi a do convento de São João da Pesqueira, seguida da do convento de Nossa Senhora da Piedade. No extremo oposto encontrava-se a botica do mosteiro de Paço de Sousa. Não passa despercebido o facto de as boticas dos três conventos de Lisboa terem sido avaliadas com valores muito inferiores às duas primeiras. Porém há que ter em conta que o valor da botica do convento de São Domingos não compreende a imensa biblioteca farmacêutica, algum mobiliário, tal como duas mesas de pau e seis tamboretas e ainda outros objetos como um ralador de folha e duas mãos de ferro de almofariz. Como tal, não restam dúvidas de que o seu valor real seria consideravelmente mais elevado. Por outro lado, estranhámos que no inventário do convento Corpus Christi e no de

³⁸ DIAS (2007), p. 324.

³⁹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

⁴⁰ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

⁴¹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

Nossa Senhora dos Remédios não existam instrumentos essenciais como balanças, pesos e medidas, o que poderá sugerir que estas boticas estivessem já, ou perto de serem, desactivadas.

Se tivermos em conta a Ordem a que pertencia cada botica verificamos que as dominicanas de São Domingos e São Sebastião apresentaram valores relativamente próximos. Tal facto é ainda mais evidente no que toca às boticas da Ordem de São Bento, onde a diferença entre as duas estudadas é apenas de 3.380 réis. Não obstante, esta análise parece perder sentido quando observados os valores das boticas da Ordem do Carmo, uma vez que estas oscilam entre os 344.420 réis da do Convento de Nossa Senhora da Piedade e os 128.000 réis da do Convento Nossa Senhora dos Remédios.

4. LITERATURA FARMACÊUTICA

As primeiras farmacopéias escritas por boticários portugueses na sua língua materna surgiram apenas no século XVIII. O cônego regrante de Santo Agostinho D. Caetano de Santo António foi autor da *Pharmacopea Lusitana*, obra pioneira em Portugal, cuja primeira edição data de 1704⁴². Outras obras se seguiram, entre as quais o *Colectâneo Farmacêutico* de António Martins Sodré, dado à estampa em 1735 e uma tradução *do Exame de Boticários*, de frei Esteban de Villa por José Homem de Andrade, editado no ano de 1736⁴³.

Formulários, textos de botânica farmacêutica, farmácia química e tratados diversos integravam o espólio das boticas conventuais. Nos inventários consultados apenas em quatro ocasiões foram registados livros pertencentes à botica⁴⁴. Os inventários são bastante parcos em informações, sendo que se em alguns casos é mencionado o título da obra e o autor, noutras apenas é referindo o nome do autor ou, em outras situações, o título incompleto da obra, não existindo nunca referências ao local de edição, nem ao número da mesma.

O boticário do convento de São Domingos de Lisboa tinha ao seu dispor uma biblioteca composta por 41 títulos, divididos entre farmacopéias portu-

⁴² Sobre esta obra cf. DIAS e PITA (1994), pp. 22-25; PITA, J.R. e PEREIRA, A.L. (2008), *Botica, farmacopéia conventual e farmácia. A Pharmacopea Lusitana de D. Caetano de Santo António (1704)*. In *Actas do III Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões [...]*, pp. 95-107.

⁴³ DIAS (2007), p. 75. Sobre as diversas farmacopéias que foram dadas à estampa cf. igualmente PITA (1996), pp. 171-229.

⁴⁴ Em dois dos inventários existe apenas referência ao número de volumes. A botica do convento de Nossa Senhora da Piedade possuía 40 volumes de diversos autores, avaliados em 9.600 réis, enquanto a do convento de São Sebastião era proprietária de 29 livros de farmacêutica.

guesas e estrangeiras, obras de botânica farmacêutica, livros de matéria médica e dicionários. No que respeita às farmacopéias contabilizámos sete impressas em Portugal e 15 no estrangeiro. Entre as de impressão nacional contava-se a *Pharmacopea Lusitana* de D. Caetano de Santo António⁴⁵, a *Pharmacopea Ulyssiponense* de João Vigier⁴⁶, o segundo e o terceiro volumes da *Pharmacopea Tubalense* de Manuel Rodrigues Coelho⁴⁷, a *Pharmacopea Dogmatica* de frei João de Jesus Maria⁴⁸, a *Pharmacopea Lisbonense* de Manuel Joaquim Henriques de Paiva⁴⁹, a *Pharmacopea Geral para o Reino e Dominios de Portugal*, de Francisco Tavares⁵⁰ e a *Pharmacopea Chymica, Medica e Cirurgica* de António José de Sousa Pinto⁵¹. Entre as obras estrangeiras destaque para as farmacopéias oficiais como a *Pharmacopoeia Londinensis*⁵², a *Pharmacopoeia Augustana*⁵³ de Augsberg ou a *Pharmacopoeia Edinburgensis*⁵⁴. Para além destas, existiam outras de carácter não oficial igualmente da autoria de estrangeiros como são o caso do inglês Thomas Fuller⁵⁵, do austríaco Joseph Jacob Plenck⁵⁶, do francês Antoine

⁴⁵ ANTÓNIO (D.), C.S. (1704), *Pharmacopea Lusitana*, Coimbra, Impressão de João Antunes. Tanto nesta nota como nas seguintes apenas será referida a data da primeira edição.

⁴⁶ VIGIER, J. (1716), *Pharmacopea Ulyssiponense, Galenica e Chimica*, Lisboa, Oficina de Pascoal da Silva.

⁴⁷ COELHO, M.R. (1735), *Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica*, primeira e segunda parte, Lisboa, Oficina de António de Sousa da Silva; COELHO, M.R. (1751), *Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica*, terceira parte, Lisboa, Oficina de José da Silva da Natividade.

⁴⁸ MARIA, (Frei), J.J. (1772), *Pharmacopea Dogmatica Medico-Chimica, e Theorico-Practica*, Porto, Oficina de António Álvares Ribeiro Guimarães.

⁴⁹ PAIVA, M.J.H. (1785), *Pharmacopea Lisbonense*, Lisboa, Oficina de Filipe da Silva e Azevedo.

⁵⁰ TAVARES, F. (1794), *Pharmacopea Geral para o Reino, e Dominios de Portugal*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica.

⁵¹ PINTO, A.J.S. (1805), *Pharmacopea Chymica, Medica, e Cirurgica*, Lisboa, Impressão Régia.

⁵² A primeira edição data de 1618, cf. DIAS (2007), p. 121.

⁵³ Não obstante a primeira edição datar de 1564, apenas se tornou oficial, para Augsberg, no ano de 1613, e em todas as províncias austríacas em 1618, cf. DIAS (2007), p. 120.

⁵⁴ A primeira edição data de 1699, cf. DIAS (2007), p. 121.

⁵⁵ FULLER, T. (1701), *Pharmacopeia Extemporanea, sive Praescriptorum sylloge, In qua remedium elegantium & efficacium, paradigma ad omnes ferè medendi intentiones accommodata candidè proponuntur. Una cum viribus, operandi ratione, & dosibus annexis*, Londres, Imprensa de Sam. Smith & Benj. Walford.

⁵⁶ A obra que no inventário aparece designada como farmacopéia cirúrgica de Plenck deverá corresponder a PLENCK, J.J. (1775), *Pharmacia chirurgica, seu Doctrina de medicamentis praeparatis accompositis quae ad curandos morbos externos adhiberi solent*, Viena de Áustria, Graeffer.

Baumé⁵⁷ e dos espanhóis Félix Palacios⁵⁸ e Joannes de Loeches⁵⁹.

No que respeita aos livros de botânica realce para uma *História das Plantas* de Pietro Andrea Mattioli, uma *História das Plantas* da autoria de João Vigier⁶⁰ e ainda dois volumes da obra *As Espécies de Plantas* [...] do naturalista e botânico sueco Carl von Linné⁶¹. De entre os livros estrangeiros de matéria médica evidência para um *Dioscórides Anazarbeo* por Legeme⁶² e para o *Corpus Pharmaceutico-Chymico-Medicum Universale* da autoria de Johann Helfrich Jüngken⁶³. Sobre a mesma temática, mas da autoria de nacionais, contava-se a *Polyanthea Medicinal* de João Curvo de Semedo⁶⁴, a *Historiologia Médica* de Rodrigues de Abreu⁶⁵, a obra *Ilustração Medica* [...] de Duarte Rebelo Saldanha⁶⁶ e uma *Matéria Médica* [...] de António José de Sousa Pinto⁶⁷. Por último, destaque para a existência de um pequeno

⁵⁷ BAUME, A. (1762), *Elémens de Pharmacie theorique et pratique, avec une Table des Vertus & Doses des Médicamens*, Paris, Veuve Damonville & Musier fils.

⁵⁸ PALACIOS, F. (1706), *Palestra Pharmaceutica Chimico-Galenica*, Madrid, García Infançon.

⁵⁹ LOECHES, J. (1719), *Tyrociniun Pharmaceuticum Theorico-Practicum Galeno-Chymicum*, Madrid, Martinez.

⁶⁰ VIGIER, J. (1718), *Historia das Plantas da Europa, e das mais uzadas que vem de Asia, de Affrica, & da America onde se ve suas figuras, seus nomes, em que tempo florecem e o lugar onde nascem, com hum breve discurso de suas qualidades e virtudes especificas*, Lion, Oficina de Anisson, Posuel et Rigaud.

⁶¹ LINNÉ, C. (1753), *Species plantarum, exhibentes plantas rite cognitatas ad genera relatas*, Holmiae, Impressor Laurentii Salvii.

⁶² Dioscórides foi impresso pela primeira vez em 1478 por P. d'Abano. No ano de 1499, foi dada à estampa a sua primeira edição em Grego por Roscius. A obra conheceu grande número de edições e traduções. A principal tradução ibérica ficou a dever-se a Andrés de Laguna e foi impressa em Antuérpia no ano de 1555. Pensamos que a edição existente no convento de São Domingos que o escrivão atribui a um Legeme seja, na verdade, de Laguna.

⁶³ JÜNGKEN, J.H. (1697), *Corpus Pharmaceutico-Chymico-Medicum Universale*, Frankfurt, ad Moenum, sumptibus Friderici Knochii.

⁶⁴ SEMEDO, J.C. (1697), *Polyanthea Medicinal. Noticias Galenicis e Chymicas, repartidas em tres tratados*, Lisboa, Miguel Deslandes.

⁶⁵ ABREU, J.R. (1733), *Historiologia Medica, fundada e estabelecida nos principios de George Ernesto Stahl, e ajustada ao uso pratico deste paiz*, Lisboa Ocidental, Oficina da Música.

⁶⁶ SALDANHA, D.R. (1761-1762), *Ilustração Medica, Ethico-politica, Historico-sistemática, Sceptico-eclética, Fizico-analítica, e Theorico-prática, ou Reflexão critica ás Consideraçoes Medicas, sobre o methodo de conhecer, curar, e preservar as epidemias, ou febres malignas, podres, pestilenciaes, contagiosas*, Lisboa, Régia Oficina Silviana.

⁶⁷ PINTO, A.J.S. (1813), *Matéria médica distribuida em classes e ordens segundo seus efeitos. Adicionada com as taboas da Matéria Medica e de um Dicionário Nosologico ou*

dicionário de francês que auxiliaria o boticário na leitura das obras escritas naquele idioma.

No convento dos religiosos Carmelitas Descalços de Tavira foram inventariados 13 títulos. Existiam três farmacopéias nacionais a saber a *Pharmacopea Tubalense*, a *Pharmacopea Lisbonense* e a *Pharmacopea Geral para o Reino e Dominios de Portugal*. Para além destas foi registada uma farmácia de Leal, que deverá corresponder à obra *Instituições ou Elementos de Farmácia* [...] de José Francisco Leal⁶⁸. De entre as obras estrangeiras destaque para a *Pharmacopoea Generalis* de Jacob Reinbold Spielmann⁶⁹. No que toca aos livros de farmácia química realce para uma química de Seabra⁷⁰. No ramo da botânica o inventário deu conta de uma obra da autoria de Félix de Avelar de Brotero a qual apenas foi catalogada com o título de Elementos e que deverá corresponder ao *Compendio de Botanica ou Noçoens Elementares* [...] ⁷¹. O inventário compreendia ainda um *Tratado* [...] *das Águas das Caldas da Rainha*, de José Nunes Gago⁷².

A análise destas duas bibliotecas farmacêuticas não permite tirar grandes ilações sobre as obras mais difundidas e utilizadas nestes espaços. Para tal seria necessário o estudo de outros catálogos de livros pertencentes a estas boticas conventuais. Ainda assim os dados recolhidos possibilitam a identificação de autores e obras que se repetem nas duas boticas e como tal seriam usuais em Portugal. Desta forma, para além das três farmacopéias portuguesas enunciadas em Tavira que existiam também na botica de São Domingos, temos as farmacopéias dos ingleses Thomas Fuller e William Lewis⁷³. O pri-

Nomenclaturas Synonomica das molestias, symptomas vicios o affecções da Natureza. Para uso dos Estudantes e Praticos Modernos, Lisboa, Impressão Régia.

⁶⁸ LEAL, J.F. (1792), *Instituições ou Elementos de Farmácia Extrahidos dos de Baumé, e reduzidos a novo methodo*, Lisboa, Oficina de António Gomes. Sobre esta obra cf. PITA, J.R. (1993), O conceito de farmácia nas 'Instituições ou Elementos de Farmácia' de José Francisco Leal, *Medicamento, História e Sociedade*, Nova Série, ano I, n.º 2, Lisboa, pp. 1-5.

⁶⁹ SPIELMANN, J.R. (1783), *Pharmacopoea Generalis*, Argentorati, J.-G. Treuttel.

⁷⁰ TELES, V.C.S.S. (1788-1790), *Elementos de Chimica*, Coimbra, Real Oficina da Universidade.

⁷¹ BROTERO, F.A. (1788), *Compendio de Botanica ou Noçoens Elementares desta Scien- cia segundo os melhores escritores modernos, expostas na lingua portugueza*, Paris, [s.n.].

⁷² GAGO, J.N. (1779), *Tratado Phizico-Chimico-Medico das Aguas das Caldas da Rainha*, Lisboa, Tipografia Rollandiana.

⁷³ A farmacopéia de Lewis que se repete nos dois catálogos deverá corresponder a LEWIS, W. (1744), *Pharmacopoeia Reformata. Essay for a reformation of the London Pharmacopoeia by a se of remarks on the draught for a new one, and on the brief account of the proceedings of the committee appointed by the college of physicians, to thoroughly reform their*

meiro era bastante popular em toda a Península Ibérica. Em Portugal sabemos que também se encontrava presente nos mosteiros de São Martinho de Tibães⁷⁴, de Santa Maria de Landim⁷⁵ e no de Grijó⁷⁶. Em Espanha, concretamente na região da Galiza, existiam exemplares da sua farmacopéia na pequena biblioteca da botica do mosteiro de Oseira e na do mosteiro de Celanova⁷⁷.

Se tivermos em conta as datas das primeiras edições das obras presentes nos catálogos verificamos que a maioria das obras (33%), no caso de São Domingos de Lisboa, foi impressa entre 1701 e 1750, e no caso do convento de Tavira (46%) foi editada no período compreendido entre 1751 e 1800. A obra mais antiga pertencia à botica de São Domingos e era da autoria de Pietro Andrea Mattioli que escreveu no século XVI, já o convento de Tavira não possuía obras anteriores a 1701, o que poderá estar relacionado com a antiguidade das boticas. O gráfico 1 demonstra que nas duas bibliotecas farmacêuticas a maioria das obras (32%) foi impressa entre 1701 e 1750, seguindo-se o período de 1751 a 1800 (26%). A percentagem das obras impressas no século XIX ficou muito atrás das editadas em setecentos — apenas 6%. Ribeiro Sanches mencionou existirem em Portugal «bibliothecas inteiras das nossas Pharmacopeas como são a dos P.P. Vicentes, a Setubalense, e outras muitas de que me esqueci, semelhantes a Viennense, a Parisiense e a Madritense; que servem hoje de monumentos da ignorancia da chemica racional, e da Materia Medica»⁷⁸. A literatura existente parece de facto e numa primeira análise algo antiga, contudo é necessário ter em conta a percentagem de obras (19%) que não nos foi possível identificar e que poderia alterar significativamente os resultados. Por outro lado, há que ter em consideração o facto de desconhecermos a edição das obras existentes, tal facto reveste-se da maior

book, London, R. Willock. A obra anónima tinha, no final da dedicatória, as iniciais M. S. o que levantou a hipótese do seu autor ser o médico judeu Meyer Loew Schomberg. Não obstante, já na centúria de setecentos a sua autoria era atribuída a William Lewis. A comprová-lo está um catálogo de uma biblioteca pertencente a Henry Pemberton, datado de 1776, que refere um livro sob a designação de Lewis's Pharmacopoeia Reformata 1744, cf. EARLES, M. (1976), The author of the Pharmacopoeia Reformata 1744, *Medical History*, 20 (1), Londres, pp. 70-75.

⁷⁴ MATA (1992) p. não numerada.

⁷⁵ MARQUES (2008), p. 42.

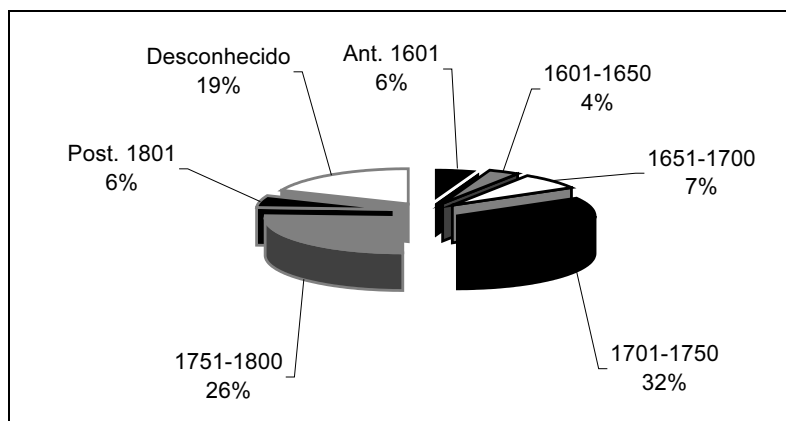
⁷⁶ SILVA (1972), pp. 18 e 30.

⁷⁷ SÁ BRAVO, H. (1983), *Boticas Monacales y Medicina Naturalista en Galicia*, Madrid, Editorial Everest, pp. 71-72 e 88.

⁷⁸ SANCHES, A.N.R. (1966), *Obras*, vol. 2, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 67.

importância pois como é sabido algumas sofriam modificações consideráveis de edição para edição. Por fim ambas as bibliotecas parecem actualizadas pelo menos no que respeita às farmacopéias portuguesas, uma vez que possuíam a maioria das obras que foi sendo dada à estampa.

GRÁFICO 1. DATAS DA PRIMEIRA EDIÇÃO DAS OBRAS PERTENCENTES ÀS BOTICAS DOS CONVENTOS DE SÃO DOMINGOS DE LISBOA E CONVENTO DOS CARMELITAS DESCALÇOS DE TAVIRA



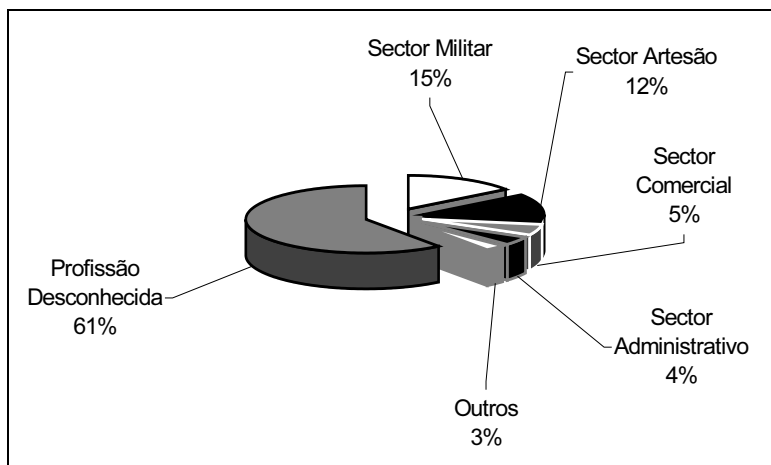
Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229; caixa 225, maço 280.

5. RENDIMENTOS

A grande actividade das boticas conventuais pode ser comprovada pelas dívidas de que as mesmas eram credoras. A título de exemplo veja-se o caso da botica do Convento dos Carmelitas Descalços de Tavira, à qual 73 pessoas deviam um total de 478.080 réis. De entre esses indivíduos destaque para os majores Sebastião Fernandes Estancio e André Vás Guerreiro, e para uma dona Mónica Maria Pau cujas dívidas perfaziam os 95.200, 65.900 e 79.700 réis, respectivamente. Permanece desconhecido o ofício da maioria das pessoas que recorriam aos serviços daquela botica pois somente em 29 casos foi registada a sua profissão. De entre estes, destaque para os indivíduos ligados ao sector militar: quatro majores, quatro capitães, dois sargentos e um coronel. De entre os indivíduos pertencentes ao sector artesão contavam-se quatro sapateiros, dois carpinteiros, um alfaiate, um pedreiro e um ferreiro. De entre

os devedores do sector comercial foram apontados quatro mercantes, enquanto que do sector administrativo haviam contraído dívidas um guarda da alfândega, um tabelião e um meirinho. Além destes foram ainda registados um almocreve e os herdeiros de um doutor⁷⁹.

GRÁFICO 2. ESTATUTO SÓCIO PROFISSIONAL DOS DEVEDORES À BOTICA DO CONVENTO DO CARMO DE TAVIRA



Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

Ao convento de São Domingos de Lisboa eram devidos de receitas e partidos 700.000 réis⁸⁰. Frei Manuel de Santa Catarina, boticário do mosteiro beneditino de Paço de Sousa, declarou que se devia em receitas da botica, antigas e modernas, 351.120 réis, cuja quantia declarou não poder arrecadar por serem a maior parte delas de pobres⁸¹.

No que diz respeito aos rendimentos das boticas conventuais, o convento de São Domingos de Lisboa recebia 716.400 réis, que correspondia somente a 3.7% de um total de 1 9249.282 réis de rendas⁸². A botica São João da Pesequeira rendia anualmente perto de 200.000 réis. Os avaliadores da botica de

⁷⁹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

⁸⁰ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

⁸¹ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 187, maço 233, n.º 1-3.

⁸² Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

Nossa Senhora da Piedade, em Cascais, referiram que a mesma poderia render diariamente 480 réis o que importaria no decurso de um ano a quantia de 175.200 réis⁸³, já a renda da botica do convento de Tavira importava os 67.600 réis⁸⁴.

6. CONCLUSÕES

Num período em que os boticários leigos ao invés de investirem na sua área profissional procuravam antes outras áreas, nomeadamente a aquisição de bens de raiz, empréstimos a juro e entrada dos filhos no clero, visando a sua ascensão social, as farmácias conventuais assumiram uma enorme projeção. Estas não se limitavam a servir os internos, abastecendo em muitos casos toda uma localidade. Este facto, aliado à sua importância económica, gerou contestação tendo chegado a ser equacionada uma forma de acabar com tais espaços.

A investigação possibilitou conhecer e divulgar o recheio de algumas boticas conventuais. Não obstante as diferenças de valor entre as farmácias estudadas, todas as casas religiosas possuíam na sua botica a maioria dos utensílios necessários à prática farmacêutica. Para além das alfaias alguns dos inventários deram conta que alguns destes espaços possuíam laboratório e casa de destilação.

A análise das bibliotecas das boticas permitiu verificar que estas se encontravam bem munidas, não obstante parecerem, numa primeira análise, desactualizadas. Possibilitou igualmente identificar autores cujas obras se encontravam amplamente difundidas nestes espaços como, por exemplo, a *Pharmacopoeia* de Thomas Fuller.

Alguns dos inventários parecem sugerir que o período áureo das boticas conventuais tinha terminado, o que parece ser comprovado pela falta de instrumentos essenciais, tais como balanças, e pela escassez de drogas. De facto, estava para breve o final destas farmácias. Poucos anos volvidos, em 30 de Maio de 1834, eram extintas as ordens religiosas masculinas em Portugal e com elas as boticas conventuais.

⁸³ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 231, maço 285.

⁸⁴ Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

QUADRO 1. CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE SÃO JOÃO DA PESQUEIRA

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Vasos de pó de pedra	50	30.000	
Vasos de louça com tampa de lata dourada		20.000	Quantidade não especificada
Vasos de louça mesclada de azul e branco com tampas de lata	60	18.000	
Vasos de pó de pedra	13	4.600	Pequenos
Vasos de vidro	54	27.000	Grandes
Garrafas de cristal	25	12.000	
Açucareiros de vidro com tampa de lata dourada	41	4.100	
Vidros com rolha do mesmo	173	27.680	Pequenos
Almofarizes de vidro com mãos do mesmo material	2	960	
Funis de vidro	2	600	
Funil de metal amarelo	1	1.200	
Funis de lata	4	200	
Almofarizes de bronze	2	3.600	Pequenos
Almofariz de chumbo com mão de marfim	1	1.450	
Almofarizes de marfim com mão de madeira	2	1.200	
Almofarizes de ferro com mão do mesmo material	2	8.000	Grande
Almofarizes de mármore	3	4.800	Todos os tamanhos
Caceta de metal amarelo	1	3.200	
Medidas de metal amarelo	2	1.800	De libra
Medidas de metal amarelo	3	1.400	De meia libra
Medidas	1/cada	400	De onça e meia onça
Alambique de cobre	1	4.800	
Tachos de latão amarelo	5	8.200	Diversos tamanhos
Alambiques de lata	2	3.200	
Panelas de lata	11	2.320	Diversos tamanhos

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Tamises	5	2.400	
Espátulas de ferro e metal	10	2.400	
Sedaços	2	1.400	
Prensa de madeira	1	4.800	
Mesa de laboratório	1	1.600	
Caneco para água	1	500	
Relógio de parede com caixa pintada e dourada	1	40.000	
Balanças	4	4.740	Diversos tamanhos
Marco	1	1.400	De arrátel
Drogas na botica e armazém		300.000	Quantidade não especificada
Pintura da botica	1	96.000	

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

QUADRO 2. CONVENTO DOS RELIGIOSOS CARMELITAS DESCALÇOS DE TAVIRA

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Panelas	21	10.500	Grandes
Panelas	19	5.700	Medianas
Panelas	20	3.500	Pequenas
Vasos de unguentos	20	4.000	
Vasos de unguentos	44	4.400	Pequenos
Garrafas de vidro com rolha do mesmo material	55	13.200	Oitavadas
Garrafas de vidro fino sem rolha	43	4.300	
Frascos de vidro com rolha do mesmo material	33	5.280	Grandes
Frascos de vidro fino sem rolha	153	15.300	
Alambique de cobre	1	3.200	Catorze canadas
Alambique de lata	1	600	Dezasseis canadas
Alambique de lata	1	300	Quatro canadas
Alambique de lata	1	300	Seis canadas, muito usado

PARA O ESTUDO DA SAÚDE CONVENTUAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: AS BOTICAS

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Almofariz de bronze com mão de ferro	1	3.200	Grande
Almofariz de bronze com mão do mesmo material	2	1.200	Pequeno
Almofariz de chumbo, com mão do mesmo material	1	480	
Gral de marfim com mão quebrada	1	600	
Gral de vidro com mão do mesmo material	1	120	
Gral de pedra com mão de madeira	1	1.200	Grande
Grais com mão de madeira	4	1.600	Mediano
Funis de estanho	2	300	
Medida de estanho	1	100	De libra
Medida de estanho	1	60	De meia libra
Medida de estanho	1	40	De onça
Espátula de vidro	1	60	
Espátulas de marfim	2	800	
Espátulas de ferro	6	380	
Faca de marfim	1	480	
Panelas de lata	4	480	Em bom uso
Prensa de parafuso de ferro	1	6.400	
Balança	1	1.600	De arrátel com um marco de dois arrátéis, usada
Balanças	2	1.600	De quarta, com dois marcos de quarta, em uso
Balança de grãos	1	480	
Peneiras	4	800	
Vasos	5	1.600	Diversos tamanhos
Tesouras	2	600	Uma maior, outra menor
Sedaços	2	160	
Peneira fina	1	100	
Candeeiro de arame amarelo	1	300	Muito usado

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Escumadeiras	2	80	
Livros Tubalenses	2	800	
Farmacopéia de Lewis	3	2.000	
Spielmann	1	800	
Fuller	1	600	
Farmacopéia de Valy	1	160	
Farmacopéia Lisbonense	1	200	
Farmácia de Leal	1	200	
Tratado de Água das Caldas	1	400	
Filosofia Química de Froque	1	480	
Vígeres [João Vigier]	2	600	
Elementos de Brotero	2	1.600	
Química de Seabra	1	1.200	Em bom uso
Geral do Reino	2	1.200	Em bom uso
Armação da Botica e administradores de madeira pintada	1	19.200	Em bom uso
Drogas e composições		160.000	Quantidade não especificada

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

QUADRO 3. CONVENTO DE CORPUS CHRISTI (LISBOA)

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Armação da botica	1	60.000	
Alambiques de cobre	2	7.680	Peso: arroba e meia
Tachos velhos de latão	5	1.480	Peso: 14 arráteis
Almofarizes de bronze	2	7.200	Peso: 60 arráteis
Candeeiro de latão	1	240	Peso: dois arráteis
Vidros sorteados	238	19.040	Diversos tamanhos
Garrações sorteados	7	7.000	
Frascos pretos	7	560	
Vasos	16	400	Pequenos

PARA O ESTUDO DA SAÚDE CONVENTUAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: AS BOTICAS

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Retortas	2	960	
Panelas de barro vidradas	57	9.120	
Vasos de barro azuis	100	10.000	
Vasos de barro	80	6.400	
Vasos brancos	20	400	
Pedras de preparos	3	1.440	
Drogas na botica e armazém			Quantidade e valor não especificado

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

QUADRO 4. CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS (LISBOA)

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Armação de madeira pintada	1	19.200	Usada
Armário	1	960	Usado
Urna	1	1.000	
Bancos	3	600	Velhos
Banca	1	360	Velha
Vasos de loiça da fábrica	250	40.000	Diversos tamanhos
Vasos de loiça	130	3.420	Sortidos
Vidros	180	18.000	Grandes
Vidros	130	6.500	Pequenos
Vidros	220	8.800	Sortidos
Bilhas de cobre	2	2.240	Peso: 14 arráteis
Chocolateiras, um tacho e um fogareiro tudo de cobre	4	4.160	Peso: 26 arráteis
Alambique, fogareiro e tacho tudo de cobre	1/cada	11.520	Peso: 72 arráteis
Almofariz de cobre	1	6.400	Grande
Alambique de cobre	1	5.440	Peso: 34 arráteis

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 184, maço 229.

QUADRO 5. MOSTEIRO SANTO ANDRÉ DE RENDUFE

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Redomas de vidro com rolhas do mesmo material	18	4.320	Sãs
Redomas de vidro com rolha do mesmo material	21	1.050	Usadas e sentidas
Redomas de vidro com rolha de cortiça	14	6.720	
Redomas	2	120	Já estaladas
Vidros	126	7.560	Pequenos
Garrafas pretas	8	480	De quartilho e meio
Funis de vidro	2	160	
Copos de vidro	2	600	
Latinhas de folha	12	600	
Lata	1	200	Grande, usada
Funil de folha de lata	1	40	
Funil de latão	1	200	
Medidas de latão e de folha	1 de cada	600	De libra
Medidas de latão	2	250	
Marco	1	1.500	Peso: arrátel
Marco	1	750	Peso: meio arrátel
Balanças	2	1.000	Grandes
Balança	1	500	Pequena
Almofariz de bronze	1	3.000	Pequeno
Almofariz de pedra	2	800	
Almofariz de ferro	1	600	Grande, rachado
Graal com vários pezinhos	1	160	
Alambiques de folha	2	600	Velhos
Tachos de cobre	5	1.500	Velhos
Espátulas de ferro	3	90	
Escumadeira de latão	1	80	Velha
Ralador	1	120	
Candeeiro	1	400	Pequeno
Peneiras	4	400	Velhas
Sedaços	3	240	Usados

PARA O ESTUDO DA SAÚDE CONVENTUAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: AS BOTICAS

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Panelas de folha	4	360	
Móveis de pau			
Estantes, mostrador e gavetas		24.000	
Contador de gavetas de madeira	1	600	Usado e muito velho
Mesa velha de castanho feita à antiga	1	240	Muito velha
Louças			
Vasos de barro vidrados, com tampa do mesmo material e pintados a azul	56	16.800	Largos e em bom uso
Vasos	40	6.400	Altos
Púcaros de barro grosso	21	300	Diversos tamanhos
Alguidares	3	90	
Pires finos	2	60	Usados
Cântaro grosso	1	50	
Copos de barro grosso branco	4	240	
Roupas			
Coadores de lã	5	540	Usados
Coador de linho para coar os remédios	1	60	Usados

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 229, maço 283.

QUADRO 6. MOSTEIRO BENEDITINO DE PAÇO DE SOUSA

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Vasos de barro e panelas	152	4.560	Alguns quebrados
Redomas de vidro	50	10.000	Antigas
Açucareiros de vidro	94	1.880	Antigos
Vidros	104	5.200	Diversos tamanhos
Panelas de vidro	6	480	Antigas
Garrafas de vidro preto	53	1.060	Antigas
Almofariz de bronze	3	6.240	Grandes e pequenos
Almofariz de pedra mármore	2	900	

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Alambiques de cobre	2	5.760	
Tachos de latão	6	7.680	Diversos tamanhos
Funis	2	120	
Tamises	4	480	
Balanças	3	800	Diversos tamanhos
Marco	1	600	Peso: dois arrátéis
Medida de cobre	1	240	
Drogas		35.000	Quantidade não especificada

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 187, maço 233, n.º 1-3.

QUADRO 7. CONVENTO DE SÃO DOMINGOS (LISBOA)

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Mesas de pau	2	Não tem quantia	
Tamboretas	6	Não tem quantia	Muito usados
Banco de encosto	1	360	Muito usado
Escadas de mão	2	600	
Panelas de barro vidradas	100	5.000	Ordinárias
Potes de barro	196	11.580	Ordinário, sortidos
Redomas de vidro	153	30.000	Sortidas
Potes de vidro	185	11.100	Sortidas
Vidros com rolhas do mesmo material	149	8.940	
Frascos lapidados	4	400	
Frascos de vidro preto	6	180	Muito usado
Garrações pretos	22	8.400	Diferentes tamanhos
Talhas de barro enterradas em pedra	10	0	Sem valer nenhum
Medicamentos capazes de servir		72.000	Quantidade não especificada

PARA O ESTUDO DA SAÚDE CONVENTUAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: AS BOTICAS

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Utensílios de Botica			
Termómetro	1	800	
Grais de pedra	5	240	Muito usado
Grais de marfim	2	240	
Gral de vidro	1	100	
Funil de vidro	1	60	
Espátulas de pau	7	240	
Espátula de marfim	1	120	
Marco	1	600	Peso: arrátel
Bacia de pó de pedra	1	60	
Peneiras	5	400	Muito usado
Sedaço	1	80	
Crivo	1	80	
Copos de vidro	4	120	Um de quartilho e três de culix
Canecos de pó de pedra	5	200	
Alguidares de barro vidrado	3	120	
Pedra para emplastos	1	160	
Ralador de folha e ditos de folha	1	Não tem quantia	De meia canada até meia onça
Objetos de ferro			
Mãos de ferro de almofariz	2	Não tem quantia	
Trempes de ferro	2	1.600	Uma pequena, outra grande
Espátulas de ferro	5	600	
Espátulas	2	300	
Colheres de ferro	2	120	
Tesoura	1	400	
Machado	1	400	
Martelo	1	80	
Braços de balança	2	2.400	
Evoras de segurar os ditos braços da balança	2	600	
Cobre			
Alambiques de cobre	3	10.000	

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Alambique para banho com dois capacetes	1	3.200	
Fogareiros de cobre	3	10.000	
Bilha	1	2.400	
Chocolateira	1	120	
Tacho	1	4.000	
Estanho			
Pratos	4	960	
Chocolateira	1	160	
Comadres	4	1.000	
Seringas	2	280	
Bacia	1	400	
Almofariz de chumbo	1	400	
Esquentador	1	300	
Arame ou Latão			
Tacho	8	8.000	Peso liquido: 50 arráteis
Colheres	2	180	
Candeeiro	1	200	
Candeia	1	200	
Escumadeira	1	160	
Seringa com sua caixa de madeira	1	300	
Bacias com grade de madeira	2	6.000	
Bilha	1	600	
Bacias de barba	2	480	
Roupa			
Toalhas de linho para barba	13	1.950	
Panos para a barba	6	120	
Livros*			
Farmacopéia Geral do Reino	1		
Farmacopéia Londinensis	2		
Farmacopéia de Pinto	1		
Farmacopéia de Bateme	2		
Farmacopéia Lisbonense	1		
Farmacopéia Tubalense	1		Segundo e terceiro volumes

PARA O ESTUDO DA SAÚDE CONVENTUAL NO INÍCIO DO SÉCULO XIX: AS BOTICAS

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Farmacopéia Edinburgensis	1		
Farmacopéia Sueca	1		
Farmacopéia de Fuller	1		
Farmacopéia Dogmática	2		
Farmacopéia de Palacios	2		
Farmacopéia de Tyrocenio, por João Lauhes	1		
Farmacopéia Pauperum	1		
Farmacopéia Lusitana	1		
Farmacopéia de Lewis	1		
Farmacopéia de Baumé	1		
Farmacopéia Matritensis	1		
Farmacopéia de Peiros (?)	1		
Farmacopéia Augustana	1		
Farmacopéia de Wertenbergue	1		
Farmacopéia cirúrgica de Plenk	1		
Farmacopéia Ulissiponense, por João Vigier	1		
História de plantas, por João Vigier	1		
Corpus Pharmaceutico Medicum, por Jüngken	1		
Enciclopédia cirúrgica racional, por Doliz	1		
Matéria médica, por Pinto	1		
História de plantas, por Mattioli	1		
Historiologia médica, por Abreu	1		
Polyanthea medicinal, por Semedo	1		
Dioscorides Anazarbeo por Legeme [Laguna]	1		
Espécies de plantas, por Lineu	2 volumes		
Desengano para a medicina por Kisler [Daniel Grislei]	1		
Liber Singularis Medicamentorum, por Pineate	1		
Ilustrações Médicas, por Saldanha	1		
Dicionário de Francês	1		Pequeno

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Thezorus medico chemicus, por Amenzih [Mysicht]	1		
Conspectus medicinae, por Juncker	1		Em oito volumes
Lexicon Chymico Pharmaceuticum, por Jüngken	1		
Prosódia	1		
Universal teatro pharma por Desgorbis (?) [Sgobbis]	1		
Formulário magistral de codeto (?)	1		

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

*Não foi registada avaliação individual nem global. Em casos de leitura duvidosa (?)

QUADRO 8. CONVENTO DE S. SEBASTIÃO DA ORDEM DOS PREGADORES (SETÚBAL)

Objetos	Quantidade	Preço (réis)*	Observações
Tachos	7		Pequenos
Tachos	3		Grandes
Alambiques de cobre	2		
Almofariz com mão de bronze	1		
Balanças	3		
Espátulas	3		
Colher de metal	1		
Grais de pedra	4		
Vasos de barro e vidro	416		Diversos tamanhos
Livros de farmacêutica	29		
Drogas		60.000	Quantidades não especificadas

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 225, maço 280.

*Os utensílios e livros que compunham a botica não foram avaliados individualmente. A avaliação global da botica foi de 79.310 réis a que houve que somar os 60.000 réis que importaram as drogas existentes.

QUADRO 9. CONVENTO CARMELITAS DESCALÇOS DE N. SENHORA DA PIEDADE (CASCAIS)

Objetos	Quantidade	Preço (réis)	Observações
Vasos de vidro	222	44.400	
Açucareiros de vidro	42	2.100	
Garrafas de vidro preto	12	360	
Panelas de barro	92	22.080	
Vasos de barro	120	19.200	
Alambiques de cobre	2	4.800	
Alambiques de folha com um capacete	2	480	
Tachos de arame	7	2.400	Entre pequenos e grande
Almofarizes de bronze	2	20.600	Um grande e um pequeno
Almofarizes de marfim	2	240	
Grais de pedra com suas mãos	3	1.200	
Gral de vidro	1	240	
Balanças	4	9.600	Entre pequenos e grande
Marcos de bronze	2	2.400	Peso: arrátel
Granatario	1	200	
Medidas de latão e dois funis		2.400	Libra e meia libra; onça e meia onça
Espátulas	4	120	Duas de latão e duas de ferro
Prensa	1	800	Muito arruinada
Panelas de folha	4	400	
Peneiros e Sedaços	5	800	
Volumes de livros de diversos autores	40	9.600	
Drogas		100.000	Quantidade não especificada
Madeira de que se compõem as estantes		100.000	

Fonte: Lisboa, A.N.T.T., MNEJ, caixa 231, maço 285.

Recibido: 19 de diciembre de 2008.

Aceptado: 12 de octubre de 2009.